

É com enorme satisfação que apresentamos ao público o *Dossiê Derrida volume 2*, que reúne trabalhos a partir de e com Derrida. Em homenagem à sua vida e ao seu pensamento – que nos brindam com um idioma singular em filosofia, o idioma da desconstrução – dedicamos esse trabalho coletivo, feito por muitas mãos, à memória dos vinte anos de sua morte.

Encontramo-nos, no entanto, passadas essas duas décadas, de 2004 a 2024, no ponto em que a memória enlutada dá lugar ao desejo de invenção do outro. Os espectros de Derrida, tão múltiplos, atravessam as várias linhas e entre-linhas que seguem, habitando de muitos modos o ato de pensar que preside a escrita dos presentes artigos, tornando o próprio Derrida (como se houvesse um próprio) um outro, um outro-de-si, cujos tentáculos vêm assombrar o aqui-agora e nos dar a pensar o devir do mundo a partir das trilhas e picadas lançadas por ele, projetando-nos já em um porvir.

É por isso que, os trabalhos aqui reunidos, unem-se não somente pela unidade dispersa de um Dossiê, mas pelo esforço de atualização do pensamento de Derrida, pela tentativa de manter o dinamismo tão característico da desconstrução em fogo vivo, em vez de repetir esterilmente um legado que se quis além de qualquer cristalização na forma de um método ou de uma doutrina. Por isso, aderiu-se como pressuposto a divergência entre os pontos de vista aqui apresentados, considerando que sua convergência em um sentido único empobreceria justamente a riqueza das possibilidades de apreensão do pensamento derridiano no que ele nos *dá a pensar*.

Inauguramos o volume com a resposta de Fernanda Bernardo que lançamos à convocatória ao *Dossiê Derrida*, sobre as perspectivas e os legados da desconstrução hoje. Em seu artigo, *A desconstrução. Um pensamento para as luzes de um “mundo” por vir*, a filósofa propõe que a desconstrução seja lida como um idioma filosófico e como um pensamento que imanta e se engaja em uma possibilidade mais justa do porvir. Em seguida, temos o artigo *Isso que permanece irreduzível no trabalho de luto e na tarefa de tradução*, de Carla Rodrigues, que aborda a questão da perda do original no trabalho de tradução, fazendo dela um trabalho de luto, para o que a autora releva a relação entre Derrida e Walter Benjamin, entre outros, bem como uma série de dificuldades que envolvem a tradução de *quasi*-conceitos derridia-

nos, notadamente para o português.

Apresentamos também quatro artigos que abordam as relações entre Derrida e as questões de gênero. Danielle Magalhães expõe a questão da diferença sexual no artigo *Entre passos: Jacques Derrida e Hélène Cixous*, trazendo a reflexão do filósofo sobre a mulher não a partir do masculino ou do imperativo da falta, mas como um “dar-se-para” e o feminino como qualquer coisa que não se deixa conquistar, exigindo uma outra perspectiva da ideia de apropriação da verdade. Meu artigo, *Espectros de Derrida no filme “Orlando – minha biografia política” de Paul Preciado*, pretende fazer uma aproximação entre a desconstrução das dicotomias de gênero na película mencionada e a desconstrução do falocentrismo em Derrida, apontando pontos de convergência entre os dois pensadores para pensar além dos dualismos e binarismos presentes não apenas nas questões de gênero mas nas produções conceituais. Também dedicando-se à questão do gênero e do falocentrismo, Mariana Stella Piazzolla aborda detidamente, no texto *Expropriação do feminino: uma nova maneira de habitar*, a questão do feminino em Derrida, a partir de sua relação com a ética levinasiana, mostrando os deslocamentos operados pelo desconstrutor que resultam em sua concepção singular do feminino, em que se ressalta a temática da expropriação. Ainda no que diz respeito aos problemas de gênero, Davi Santos propõe pensar conjuntamente, em *Linguagens de resistência x metafísica da presença*, a construção de linguagens de resistência pela comunidade LGBTQIA+ e a desconstrução da metafísica da presença, particularmente do sujeito masculino cisgênero e da cisheteronormatividade que a informa, apontando para o aspecto inventivo e político da desconstrução.

No que se refere às relações entre Derrida e a estética, tomada em sentido amplo e associada a uma série de quase-conceitos, segue o artigo *A verdade e a impossibilidade de contar/desenhar o acontecimento*, de Marinazia Cordeiro Pinto, que parte da ideia de Derrida de um engeuecimento que presidiria o ato de desenhar para questionar-se se a linguagem pode captar o real e em que medida ela pode contar o acontecimento. Já Juliana Bueno Acuña, em *Juego, texto y deconstrucción: un análisis de la frase “ahora no” en ante la ley de Kafka y la ausencia de voz en el videojuego “Gris”*, discute uma possível articulação entre a desconstrução e o jogo “Gris”, a partir de uma retomada da ludicidade do jogo em Platão e sua suposta presença na concepção de jogo em Derrida.

Retomando noções fundamentais para o pensamento derridiano, *Uma nota de algum vestígio de escritura*, de Lucas Roberto, traz a questão da escritura, para além da metafísica da presença e da tradição logocêntrica, pensando-a em sua articulação com *quasi*-conceitos como os de *différance* e rastro, mostrando sua importância para o idioma da desconstrução.

Caminhando pelos interstícios entre literatura e filosofia, Ravel Paz em *O que quer e o*

que pode uma espectrocrítica (num passeio por *Grande Sertão: Veredas*) apoia-se no que ele denomina uma espectrocrítica, extraída da análise derridiana de *Hamlet*, em *Espectros de Marx*, para propor uma releitura de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, extraindo do romance elementos que lhe parecem não apenas fundamentais, mas em jogo com as propostas de Derrida no livro mencionado. Percorrendo também as relações entre Derrida e a literatura, Adriano Negris e Pâmela Costa Bueno, em *Derrida e Lispector: as metonímias do comer bem*, se dedicam à questão do sujeito em Derrida, mostrando que com a desconstrução não se trata de uma liquidação do sujeito, mas do seu deslocamento, para cuja compreensão a obra de Clarice Lispector fornece, segundo os autores, uma perspectiva importante e em diálogo com o pensamento derridiano. Ainda nessa via, Quésia Olanda desenvolve, em *O auto que se fez oto: escrevendo de ouvido a partir de Nietzsche, Derrida e Lispector*, um entrelaçamento entre esses autores a partir da ideia de uma escrita de ouvido, uma escrita atravessada pelo outro, por vários corpos e multidões, que não apenas deslocam a suposta neutralidade filosófica, como transformam a própria compreensão do que se compreende por autobiografia e subjetividade.

Na sequência, Jonas Mur, em *Notas sobre o problema da gênese e da estrutura: o jovem Derrida leitor de Husserl*, apresenta uma análise detalhada da recepção de Husserl nos primeiros escritos de Derrida, notadamente em *A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl*, mostrando a importância da fenomenologia husserliana para a construção de problemáticas que percorrerão o pensamento desconstrutivo. *Em torno da representação: entre as diferenças de Derrida e Deleuze*, de Luã Sarcinelli Santos, como aponta o título, sugere pontos de aproximação e distanciamento entre os dois filósofos, lidos através de uma crítica ao platonismo e ao primado da representação, tendo como interlocutor comum Nietzsche e como operador a noção de diferença.

Finalmente, temos a tradução, feita por Fernanda Miguens, da *Introdução* de Judith Butler à edição de 2016 da *Gramatologia* de Derrida revisitada por Gayatri Spivak. Nesse texto, Butler reflete, à luz da desconstrução e de seu próprio pensamento, sobre os problemas da tarefa de tradução, e como esta desloca, entre outros, os pressupostos ontológicos que regiriam o binarismo entre o original e a cópia, exigindo uma outra lógica de apreensão.

Deixamos aqui nossos agradecimentos a todos aqueles que participaram da feitura deste volume e desejamos a todos boa leitura!